

**EVIDENCIAS PSICOMÉTRICAS DO BEM SEX ROLE INVENTORY -  
BSRI NO CONTEXTO NORDESTINO**Amanda Trajano Batista<sup>1</sup>Francisca Marina Freire<sup>2</sup>Karla Carolina Silveira Ribeiro<sup>3</sup>Josevânia da Silva<sup>4</sup>Ana Alayde Werba Saldanha<sup>5</sup>

**Resumo:** Com base na Teoria de Esquema de Gênero e partindo do pressuposto de que homens e mulheres constroem uma estrutura cognitiva de significados sobre os papéis feminino e masculino que se configuram em esquemas do que é considerado típico de cada um, servindo como padrões de adequação para os comportamentos, atitudes e atributos para cada gênero foi desenvolvido o Bem Sex Role Inventory (BSRI), composto por escalas para as medidas de masculinidade e feminilidade, permitindo avaliar a adesão aos papéis de gênero. A partir da necessidade de revisão sistemática devido às mudanças culturais ocorridas nas sociedades, este estudo, de caráter quantitativo, teve como objetivo verificar as evidências psicométricas do Bem Sex Role

Inventory para uma amostra do Nordeste brasileiro. A escala foi aplicada junto a 352 sujeitos, recrutados em diversos locais de João Pessoa (PB) e região metropolitana. Foi realizada uma avaliação da estrutura da escala usando a técnica estatística análise fatorial, além da verificação da fidedignidade. Os resultados apontam para um instrumento com evidências de validade e precisão adequadas. Os participantes foram classificados como tendo papel tipificado masculino (17%), feminino (19%), andrógino (27%) e indiferenciado (26%). Foram encontradas associações estatisticamente significativas com as variáveis sexo, faixa etária, renda e religiosidade. Ainda que tenham ocorrido modificações, observou-se a manutenção dos estereótipos sociais de gênero, regidos

---

<sup>1</sup> Mestranda em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba.

<sup>2</sup> Doutoranda em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba.

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba.

<sup>4</sup> Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba.

<sup>5</sup> Pós-Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba

por um padrão conservador que aumenta a vulnerabilidade de homens e mulheres.

**Palavras-Chaves:** Gênero. Papéis sexuais. Estereótipos.

**Abstract:** Based on Gender Schema Theory and on the assumption that men and women build a cognitive structure of meanings about the female and male roles thus schematized in adequacy standards of typical behaviors, attitudes and attributes for each gender, the Bem Sex Role Inventory (BSRI), composed of scales for measuring masculinity and femininity, was developed in order to evaluate adherence to gender roles. From the need for systematic review due to cultural changes in society, this study, with quantitative approach, aimed at verifying the psychometric evidence of Bem Sex Role Inventory of a sample of the Brazilian Northeastern population. The scale was applied to 352 subjects recruited from various places of João Pessoa (PB) and its metropolitan area. In addition to the verification of reliability, an assessment of the scale structure was carried out using factor analysis statistical technique. The results indicate adequate evidence of validity and reliability of the instrument. Subjects were classified as

having male (17%), female (19%), androgenic (27%), and undifferentiated (26%) typified roles. Statistically significant associations were found in relation to the variables gender, age, income and religion. Although changes have taken place, the maintenance of social gender stereotypes, governed by a conservative standards that increase the vulnerability of men and women, was observed.

**Key Words:** Gender. Sex roles. Stereotypes.

## 1. Introdução

A psicologia vem explicando os processos de identificação de gênero através de três principais abordagens, conforme exposto por Souza & Ferreira (1997), quais sejam, a teoria psicanalítica, a teoria da aprendizagem social e a teoria do desenvolvimento cognitivo. A teoria psicanalítica acentua o papel das motivações internas na aquisição da identidade de gênero. Este processo tem início aos três anos de idade a partir do desenvolvimento de um forte vínculo positivo com o progenitor do sexo oposto e sentimentos hostis com o progenitor do mesmo sexo (Complexo de Édipo). A resolução deste conflito, por volta dos seis anos de idade, irá determinar a aquisição

dos papéis masculino e feminino. A teoria da aprendizagem social enfatiza os aspectos ambientais na aquisição da identidade de gênero, desenvolvida através da observação, imitação, recompensa e punição em relação aos adultos. Ao contrário, a teoria do desenvolvimento cognitivo salienta o papel ativo da criança na formação da identidade. Tem início ao atingir o primeiro estágio de desenvolvimento (três anos de idade), denominado de identidade básica de gênero, ao rotular a si e aos outros como menino ou menina tendo por base as características físicas, compreendendo esta classificação como estável ao atingir o estágio de consistência de gênero (seis/sete anos de idade). Ao entender o gênero como imutável, passa a se identificar com seu próprio sexo.

Por outro lado, a Psicologia Social têm contribuído nesta temática através de um amplo campo teórico e de pesquisa com diferentes orientações e teorias acerca dos estereótipos de gênero, isto é, as crenças associadas à pertença sexual e à diferenciação sexual. Entendem-se estereótipos sociais como generalizações acerca dos membros de certos grupos, ou seja, uma instância do processo cognitivo da categorização, partilhados por um

elevado número de indivíduos (Tajfel, 1983). Neste sentido, Tajfel(1983, p.290) define categorização como “o processo através do qual se reúnem os objetos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo”, tendo como consequência a criação de distinções entre o grupo de pertença e os outros grupos por comparação ou contraste.

Existe certa consensualidade entre os autores, conforme afirmado por Heilman (2012), de que os estereótipos têm simultaneamente um componente descritivo e prescritivo. Enquanto o caráter descritivo é constituído pelos atributos, ou traços de personalidade, que as pessoas geralmente acreditam como caracterizadores dos membros de um determinado grupo, ou seja, a representação cognitiva de como homens e mulheres são; o componente prescritivo equivale a como homens e mulheres devem ser, composto pelos comportamentos considerados adequados para esse grupo, isto é, papéis de gênero.

Buscando explicar o processo de tipificação sexual, Bem (1993) postulou a existência de esquemas cognitivos relacionados ao gênero. Conceito utilizado

pela psicologia cognitiva, esquemas são modelos mentais que organizam as informações e o conhecimento sobre si, os demais e o mundo ao redor, funcionando como mediadores para assimilar novas experiências, filtrando as informações com base em um repertório de crenças que influencia a percepção e a codificação do que é vivido pela pessoa. Segundo estes autores, os autoesquemas de gênero são partes constitutivas do autoconceito e encontram-se relacionados aos atributos de masculinidade e feminilidade constitutivos da identidade de gênero (Gondim e cols, 2013).

Concernentes com estes conceitos, a Teoria do Esquema de Gênero (Bem, 1974, 1981) afirma o esquema como responsável pelo modo através do qual as novas informações sobre o gênero são processadas, fazendo com que o indivíduo avalie e procure adequar suas preferências e atitudes a esse auto-esquema, que é congruente com uma definição cultural de masculinidade e feminilidade. No entanto, Bem (1981) rejeita a visão tradicional de masculinidade e feminilidade como dois pólos opostos e antagônicos, entendendo-as como uma constelação de características masculinas ou femininas que podem coexistir no mesmo indivíduo, sem que isso

constitua um problema para o seu bem-estar psicológico ou ajustamento social. Enquanto identidade de gênero propõe a seguinte classificação: masculinos (alto índice de masculinidade e baixo índice de feminilidade); femininos (alto índice de feminilidade e baixo índice de masculinidade); andróginos (alto índice de masculinidade e feminilidade) e indiferenciados (baixo índice de masculinidade e feminilidade). Os indivíduos classificados como fortemente masculinos ou femininos são tipificados como esquemáticos, enquanto os andróginos ou indiferenciados são tipificados como não-esquemáticos, considerados como possuindo orientações fracas de papéis sexuais ou que apresentam tendências de sexo cruzado (Hernandez & Hutz, 2008).

A partir destas tipificações, observa-se que aquelas pessoas consideradas esquemáticas apresentam forte repressão em relação à qualquer comportamento inadequado ao seu sexo, enquanto os indivíduos não-esquemáticos são mais flexíveis (Sebastian, Aguñiga e Moreno, 1987; Bem, 1981). Considerando o conceito de androgenia proposto por Bem (1974) enquanto harmonia de características femininas e masculinas, tanto para o

homem como para a mulher, verifica-se a possibilidade de maior eficácia pessoal e social no campo da saúde mental. O auto-conceito andrógino permite ao sujeito agir com certa liberdade e desenvolver qualquer tipo de comportamento, assim, conceito de androginia está associado a um maior bem estar psicológico. (Sebastian et al, 1987; Hernandez, 2008; Ruas e Rabot, 2013). Considerando este modelo, Hernandez e Hutz (2008) reforçam que a androginia representaria uma forma particular de processar informação, uma vez que não contam com conotações sexuais para orientar o seu processamento de informação. Neste sentido, apresentariam um maior leque de comportamentos que lhe permitem ser mais autônomos, flexíveis e adaptados a diversos contextos (Saavedra, 2005), portanto com melhor ajustamento social (Hernandez e Hutz (2008).

Em síntese, de acordo com Hernandez e Hutz (2008), os resultados dos estudos de Bem (1974, 1981) levaram às seguintes conclusões: 1) as dimensões da masculinidade e da feminilidade são empírica e logicamente independentes; 2) o conceito de androginia psicológica é fidedigno e está definido operacionalmente pela obtenção de índices altos ou baixos em

ambas as escalas de masculinidade e feminilidade; 3) escores fortemente tipificados sexualmente não refletem uma tendência geral do indivíduo para responder em uma direção socialmente desejável, mas sim uma tendência específica para a autodescrição, em concordância com os padrões de comportamento desejáveis para homens e mulheres.

Com base na Teoria de Esquema de Gênero e partindo do pressuposto de que homens e mulheres constroem uma estrutura cognitiva de significados sobre os papéis feminino e masculino que se configuram em esquemas do que é considerado típico de cada um, servindo como padrões de adequação para os comportamentos, atitudes e atributos para cada gênero Barros, (Barros, Natividade & Hutz, 2013), Bem (1981) desenvolveu o Bem Sex Role Inventory (BSRI). Este instrumento é composto por escalas para as medidas de masculinidade e feminilidade, permitindo avaliar o quanto seus respondentes aderem a papéis sexuais masculino, feminino e/ou neutro. Posteriormente, Hutz e Koller (1992) adaptaram e revalidaram a BSRI para o contexto brasileiro a partir da elaboração de uma nova lista de adjetivos. Esta versão foi revista em por Hernandez, em 2009, cujos

resultados apresentaram evidências psicométricas que confirmaram a versão brasileira que dão forte apoio à versão verificada.

Não obstante as fragilidades apontadas, a exemplo dos procedimentos para seleção dos itens que compõem o instrumento, a homogeneidade da sua estrutura fatorial, as definições operacionais dos construtos avaliados (Barros, Natividade & Hutz, 2013), o BSRI é um instrumento adequado para caracterizar grupos de indivíduos tipificados sexualmente. Segundo Peng (2006), apesar dos trinta anos de existência, o BSRI continua sendo o principal instrumento para medir papéis sexuais. Entretanto, os autores são unânimes em afirmar a necessidade de revisão sistemática devido às mudanças culturais ocorridas nas sociedades.

Nesse sentido, considerando que o gênero, enquanto princípio ordenador do pensamento e da ação estrutura a identidade dos indivíduos, modelam comportamentos e emoções que passam a ter a prerrogativa de modelos a serem seguidos; o fato de que instrumentos de medida que avaliem a adesão a papéis sexuais podem subsidiar intervenções efetivas; assim como a necessidade de reavaliação periódica dos itens de um instrumento se faz necessária;

este estudo teve como objetivo verificar as evidências psicométricas do Bem Sex Role Inventory para uma amostra do Nordeste brasileiro.

## 2. Método

### 2.1. Participantes

Caracterizando por amostra não probabilística, de conveniência, os participantes foram abordados em diversos locais públicos de João Pessoa (PB) e região metropolitana seguindo todas as recomendações éticas contidas na Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

O número de participantes deste estudo foi calculado para a obtenção de soluções fatoriais estáveis. Para tanto, foi utilizado o critério "razão itens/sujeito". Conforme Pasquali (2005), uma proporção mínima de cinco por um, referente ao tamanho da amostra e o número de itens constitutivos da escala, mostra-se necessária para um levantamento apropriado das características psicométricas que podem ser reveladas a partir da análise fatorial. Visto o BSRI possuir 60 itens, é necessários 300 sujeitos para contemplar este critério.

A amostra foi composta por 352 participantes, com média de idade de 35 anos, variando entre 24 e 59 anos (DP = 9.3), sendo 179 homens (50,6%) e mulheres 173 (48,9%), residentes na capital ou

Estado da Paraíba e cidades metropolitanas (Bayeux e Santa Rita). A maioria possui nível de instrução média (52,4%) e baixa renda (47,2% até um salário mínimo), conforme pode ser observado na Tabela 1.

**Tabela 1:** Descrição dos dados sócio demográficos dos participantes

Variáveis		F	%
Sexo	Feminino	179	51%
	Masculino	173	49%
Faixa Etária	24 – 31 anos	179	51%
	32 – 54 anos	173	49%
Nível de escolaridade	Ens. fundamental	31	9%
	Ens. médio	183	52%
	Superior	135	39%
Renda (em salário mínimo)	Até 1 SM	161	47%
	Entre 1 e 3 SM	135	36%
	Entre 3 e 6 SM	35	10%
	Superior a 6SM	10	3%
Religiosidade	Baixa religiosidade	124	37%
	Alta Religiosidade	215	63%

## 2.2. Instrumentos

2.2.1. Questionário sócio-demográfico: para a coleta de informações incluindo idade, sexo, nível de escolaridade e renda familiar.

2.2.2. *Bem Sex Role Inventory* - BSRI (Bem, 1974; adaptado por Hutz & Koller, 1992): é composto por um total de 60 itens, divididos em três escalas: escala masculina (20 itens. Ex: argumentador, arrojado, assertivo, atlético, autoconfiante, auto-suficiente, líder etc.), escala feminina (20 itens. Ex: cuidadoso,

delicado, dependente, emotivo, dócil, sensível, tolerante, vaidoso etc.) e escala neutra ou escala de desejabilidade social (20 itens. Ex: espontâneo, otimista, responsável, invejoso, inconstante, apático etc.).

A partir do enunciado geral – “Responda o quanto você acha que cada característica apresentada é verdadeira ou não em relação a você. Observe que o valor inicia em 1, e significa que a característica nunca é verdadeira em você, até o 10, que significa que a característica é sempre verdadeira” - cada item foi avaliado utilizando-se uma escala do tipo *Likert* de dez pontos, onde 1 indica *nunca* e o 10 que o atributo está *sempre* presente em seu comportamento. Optou-se por uma escala de 10 pontos pela familiaridade associativa com o sistema educacional brasileiro que atribui notas com este intervalo.

Utilizando as medianas das escalas masculina e feminina, como critérios de classificação foram definidos quatro grupos tipológicos, denominados de: masculino, feminino, andrógino e indiferenciado (Bem, 1977). O grupo masculino foi formado por indivíduos cujo escore obtido para a escala masculina era superior à mediana da escala masculina e cujo escore obtido para a escala feminina era inferior à mediana da escala

feminina; o grupo feminino foi formado por indivíduos cujo escore obtido para a escala feminina era superior à mediana da escala feminina e cujo escore obtido, para a escala masculina, era inferior à mediana da escala masculina; o grupo andrógino foi formado por indivíduos com escores nas escalas masculina e feminina superiores às medianas das escalas masculina e feminina, e o grupo indiferenciado foi formado por indivíduos com escores para as escalas masculina e feminina inferiores às medianas das escalas masculina e feminina.

### 2.3. Procedimentos e Análises

O instrumento foi respondido individualmente em locais públicos diversos, tais como praças, feiras, logradouros. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi lido e assinado por todos os participantes após receberem informações sobre os objetivos da pesquisa.

Os dados foram analisados pelo *Statistical Package of Social Sciences* (SPSS), versão 18, com estatísticas descritivas, análise de variância e análise fatorial. A análise fatorial da escala forneceu informações sobre a estrutura interna, sobre o peso dos fatores e a complexidade estrutural dos itens. Como os

itens femininos e masculinos foram criados para serem ortogonais, a solução fatorial foi rotada usando-se o método *varimax*. Para a rotação foi determinado o número de três fatores, previsto por Bem (1974); contudo, antes foi executada uma solução inicial com extração de fatores com autovalores maiores que 1,0. A fidedignidade do BSRI e de suas escalas foi avaliada pelo Coeficiente Alfa de Cronbach.

Utilizando as medianas das escalas masculina e feminina, como critérios de classificação foram definidos quatro grupos tipológicos, denominados de: masculino, feminino, andrógino e indiferenciado (Bem, 1977). O grupo masculino foi formado por indivíduos cujo escore obtido para a escala masculina era superior à mediana da escala masculina e cujo escore obtido para a escala feminina era inferior à mediana da escala feminina; o grupo feminino foi formado por indivíduos cujo escore obtido para a escala feminina era superior à mediana da escala feminina e cujo escore obtido, para a escala masculina, era inferior à mediana da escala masculina; o grupo andrógino foi formado por indivíduos com escores nas escalas masculina e feminina superiores às medianas das escalas masculina e feminina, e o grupo indiferenciado foi formado por indivíduos com escores para as escalas

masculina e feminina inferiores às medianas das escalas masculina e feminina.

### 3. Resultados e Discussão

Inicialmente foram realizadas análises exploratórias e de distribuição de frequência, seguindo os princípios apresentados por Tabachnick e Fidell (2001) para examinar questões como multicolinearidade e singularidade, normalidade (homocedasticidade e linearidade), omissão de informações e presença de *outliers* (valores claramente afastados dos demais e da média). Não foi observado nenhum caso de multicolinearidade ou singularidade. Foi identificada a presença de 8 *outliers* severos multivariados, tendo sido eliminados, ficando a amostra constituída por 352 participantes.

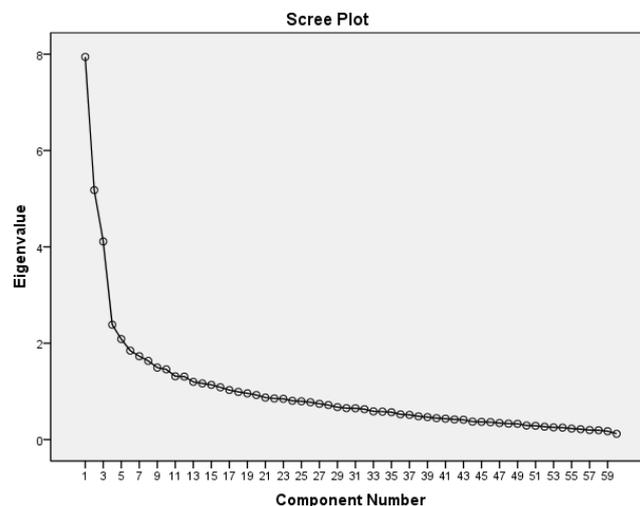
A fatorabilidade da matriz de correlações foi recomendada através da medida de adequação amostral Kaiser-Meyer Olkin (KMO), cujo resultado de 0,77, é considerado bom de acordo com Kaiser (1974, apud PASQUALI, 2005). O teste de esfericidade de Bartlett teve sua hipótese rejeitada, ou seja, a matriz deste estudo não é de identidade ( $\chi^2_{(1770)} = 5693,734, p < 0,000$ ), corroborando sua fatorabilidade. A partir desses resultados é

possível ter consistência quanto a prosseguir na utilização da análise fatorial.

O resultado da análise dos componentes principais, com rotação varimax, pelo critério de Kaiser indica a extração de 17 componentes com valores próprios superiores a um, os quais explicam conjuntamente 63,5% da variância total. No entanto, de acordo com a Figura 1, observa-se que, a partir do 3º componente, não há diferença significativa no tamanho do valor próprio (Critério de Cattell), o que justifica a fixação mínima dos componentes para

este estudo em três fatores, estando de acordo com estudos anteriores (Bem, 1974, 1981; Hutz e Koller, 1992; Hernandez, 2009). O primeiro apresenta valor próprio de 7,9, explicando cerca de 13,2% da variância. O segundo fator apresentava valor próprio de 5,2, explicando cerca de 8,6% da variância. O terceiro apresentava valor próprio de 4,1%, explicando cerca de 6,8% da variância. Em conjunto, esses três fatores explicam 28,7% da variância total. A figura 1 ilustra a dispersão dos componentes no Scree test.

**Figura 1:** *Screeplot* dos fatores do BSRI extraídos pela Análise de Componentes Principais



A composição dos três fatores está descrita na Tabela 2, destacando as cargas fatoriais e as comunalidades ( $h^2$ ) de cada variável. Considerando o critério de carga

mínima de 0,30, os itens 14, 21, 30, 41, 43 e 44 não se enquadraram em nenhum fator, tendo sido descartados.

**Tabela 2:** Cargas Fatoriais e Comunalidade dos itens do BSRI para uma solução de três fatores com rotação Varimax

Itens	Escalas/Cargas Fatoriais			h <sup>2</sup>
	<i>Feminina*</i>	Masculina**	Neutra***	
35 –Delicada	0,72			,556
47 - Meiga	0,71			,533
53 –Sensível	0,69			,511
05- Feminina	0,68			,614
37 –Masculina**	-0,61			,494
20 –Emotiva	0,60			,424
29 – Dócil	0,58			,416
02 - Romântica	0,55			,312
26 –Frágil	0,55			,444
03 –Ponderada***	0,53			,406
11 –Prendada	0,48			,293
50 – Fiel	0,42			,195
59 –Passiva	0,39			,181
15 –Responsável***	0,38			,295
45 – Coerente***	0,38			,357
08 –Cuidadosa	0,37			,247
32 –Obediente	0,36			,228
17 – Vaidosa	0,35			,269
38 –Ingênuas	0,34			,162
13 –Estudiosa**	0,33			,154
27 –Controlada***	0,30			,231
25 – Líder		0,61		,380
52 – Experiente		0,60		,400
57 – Animada***		0,60		,400
10 – Combativa		0,58		,352
46 – Popular		0,54		,288
19 – Auto-suficiente		0,53		,288
58 – Assertiva		0,52		,335
04 – Desembaraçada		0,50		,268
01 - Valente		0,49		,271
34 – Competidora		0,49		,270
07 – Influyente		0,47		,232
16 – Arrojada		0,47		,246

39 – Espontânea***	0,46	,281	
09 – Sociável***	0,45	,262	
40 – Poderosa	0,45	,365	
49 – Argumentadora	0,45	,234	
22 – Atlético	0,44	,212	
28 – Livre	0,44	,236	
33 – Prática***	0,41	,316	
31 – Namorada	0,34	,243	
55 – Autoconfiante	0,34	,116	
56 – Condescendente*	0,31	,196	
06 – Dramática	0,64	,494	
24 – Fofqueira	0,59	,365	
48 – Exibicionista	0,49	,443	
18 – Inconstante	0,48	,246	
12 – Invejosa	0,47	,229	
60 – Tagarela	0,47	,296	
54 – Desastrada	0,46	,224	
42 – Queixosa	0,45	,250	
36 – Acomodada	0,38	,153	
51 – Disciplinada	-0,33	,304	
23 – Dependente*	0,31	,128	
14 – Submissa*			
21 – Otimista***			
30 – Apática***			
41 – Tolerante*			
43 – Liberal**			
44 – Caridosa*			
Número Itens	21	22	11
Valor Próprio	7,9	5,2	4,1
Variância Explicada	13,2%	8,6%	6,8%
Alpha de Cronbach	,79	,82	,66
Média	6,64	6,80	4,56
Desvio Padrão	1,13	1,18	1,26

\*Item original Escala Feminina; \*\*Item original Escala Masculina; \*\*\*Item original Escala Neutra

Observa-se a seguinte Fator 1 – Escala Feminina: é conformedos fatores: composto por 21 itens, cujas saturações

variaram de 0,30 (item 27) a 0,72 (item 35), com valor próprio de 7,9 explicando 13,2% da variância total, com boa consistência interna (Alpha de Cronbach = 0,79). Em relação à escala original, dos vinte itens, foram mantidos 15 itens. Os itens 14 (submissa), 41 (tolerante) e 44 (caridosa) não alcançaram carga fatorial suficiente, sendo descartados. O item 56 (condescendente) foi deslocado para a Escala Masculina e o item 23 (dependente) para a Escala Neutra. Foi acrescida de seis itens, sendo dois da Escala Masculina (37-Masculina e 13-Estudiosa) e quatro da Escala Neutra (03-Ponderada; 15-Responsável; 45-Coerente; 27-Controlada).

Fator 2 – Escala Masculina: este fator ficou composto por 22 itens com saturações variando de 0,31 (item 56) a 0,61 (item 25), obtendo valor próprio de 5,2 e explicando 8,6% da variância total, apresentando consistência interna boa (alpha de Cronbach = 0,82). Da escala original, dos vinte itens, foram mantidos 17 itens. O item 43 (Liberal) não alcançou carga fatorial suficiente, sendo descartado. Os itens 37 (Masculina) e 13 (Estudiosa) foram deslocados para a Escala Feminina. Foi acrescida de cinco itens, sendo um da Escala Feminina (56-Condscendente) e

quatro da Escala Neutra (09-Sociável; 33-Prática; 39-Espontânea e 57-Animada).

Fator 3 – Escala Neutra: ficou composto por 11 itens com saturações variando de 0,31 (item 23) a 0,64 (item 06), apresentando valor próprio de 4,1 e explicando 6,8% da variância total. Apresenta consistência interna satisfatória (alpha de Cronbach = 0,66). Dos 20 itens originais, permaneceram 10 itens. Dois itens foram descartados por não alcançar carga fatorial satisfatória (21-Otimista e 30-Apática) e foi acrescido do item 23 (Dependente), originalmente pertencente à Escala Feminina.

Conforme pode ser observado na Tabela 3, que apresenta esquematicamente os deslocamentos dos adjetivos ocorridos entre as escalas, embora não tenham sido atribuídos às mulheres adjetivos como dependente, submissa, tolerante e caridosa (excluídos), permanecem aqueles voltados para aspectos emocionais e de responsabilidade, reforçado pelos adjetivos acrescidos (masculina, estudiosa, ponderada, responsável, coerente e controlada). Por outro lado, os homens perderam o aspecto liberal (excluído) e ganharam adjetivos voltados para a sociabilidade (condscendente, sociável, prática, espontânea e animada). Tais

resultados, mais do que mudanças, podem estar reforçando o local dos gêneros, onde o feminino se situa no mundo privado, do cuidado,

responsabilidade e organização, enquanto o masculino se volta para o mundo externo, político e social.

**Tabela 3:**Deslocamento de Itens entre as Escalas

Saída de Itens	Escala Feminina	Entrada de Itens	
		Escala Masculina	Escala Neutra
Escala Feminina	-	56-Condescendente	23-Dependente
Escala Masculina	37-Masculina 13-Estudiosa	-	-
Escala Neutra	03-Ponderada 15-Responsável 45-Coerente 27-Controlada	09-Sociável 33-Prática 39-Espontânea 57-Animada	-

Itens Excluídos:

Escala Feminina: 14 (submissa), 41 (tolerante) e 44 (caridosa)

Escala Masculina: 43 (Liberal)

Escala Neutra: 21(Otimista) e 30 (Apática)

Em relação às médias, foram encontradas diferenças estatísticas significativas nas escalas feminina, masculina e neutra em relação ao sexo dos respondentes (Tabela 4). Todos os testes consideraram o nível de significância estatística de ( $p < 0,01$ ). Observa-se que, se por um lado, as mulheres reafirmaram o estereótipo do gênero feminino auto-atribuindo maior nota aos adjetivos, por outro também se atribuíram os adjetivos

masculinos tanto quanto os homens. Pode-se inferir, portanto que, ainda que não se possa visualizar mudanças na percepção da sociedade, existe uma mudança na auto percepção das mulheres em relação aos seus papéis sociais, apontando que pode ter os atributos designados ao feminino, mas acrescidos daqueles atribuídos aos homens. Esse fato é reflexo dos diversos papéis sociais assumidos pelas mulheres na sociedade atual.

**Tabela 4** – Comparativo entre as Médias e Desvio Padrão dos escores de sexo por Escalas do BSRI

		N	Média	Desvio Padrão	p
EscalaFeminina	Masculino	148	6,13	1,04	0,000
	Feminino	157	7,12	0,99	( $t_{(303)} = -8,522$ )
EscalaMasculina	Masculino	154	6,86	1,15	0,409
	Feminino	151	6,75	1,21	( $t_{(303)} = 0,827$ )
EscalaNeutra	Masculino	168	4,18	1,13	0,000
	Feminino	159	4,95	1,26	( $t_{(325)} = -5,768$ )

A partir da mediana dos escores dos participantes, foram calculados os pontos de corte nas escalas masculinas e femininas do BSRI: 6,7 (na escala feminina) e 6,9 (na masculina). Participantes que apresentaram escore médio acima do ponto de corte na escala masculina e abaixo na escala feminina foram classificados como tendo papel tipificado masculino (N = 53; 17%). Aqueles que apresentaram escores médios acima do ponto de corte na escala feminina e abaixo na escala masculina foram classificados em papel tipificado feminino

(N=59; 19%). Aqueles que apresentaram escores médios acima do ponto de corte em ambas as escalas, masculina e feminina, foram classificados em papel andrógino (N=81;27%). Aqueles que tiveram seus escores médios situados abaixo do ponto de corte em ambas as escalas, masculina e feminina, foram classificados em papel indiferenciado (N = 81;26%). Os papéis tipificados foram associados às variáveis sócio demográficas sexo, faixa etária, escolaridade, renda e grau de religiosidade, conforme pode ser visto na Tabela 5.

**Tabela 5** - Distribuição dos participantes por papéis tipificados associados às variáveis sócio demográficas

		Masculino (N=303)		Feminino (N=307)		Andrógino (N=302)		Indiferenciado (N=308)	
		N	%	N	%	N	%	N	%
Total		53	17%	59	19%	81	27%	81	26%
Sexo <sup>1</sup>	Masculino	40	<b>75%</b>	14	24%	30	37%	52	<b>64%</b>
	Feminino	13	25%	45	<b>76%</b>	51	<b>63%</b>	29	36%

Faixa Etária <sup>2</sup>	24 – 31 anos	25	47%	36	<b>61%</b>	34	42%	50	<b>62%</b>
	32 – 54 anos	28	<b>53%</b>	23	39%	47	<b>58%</b>	31	38%
Escolaridade <sup>3</sup>	Fund/Médio	33	<b>62%</b>	34	20%	47	<b>58%</b>	48	<b>59%</b>
	Superior	19	38%	47	<b>80%</b>	34	42%	32	41%
Renda <sup>4</sup>	≤ 3 SM <sup>6</sup>	43	<b>81%</b>	54	<b>73%</b>	63	<b>78%</b>	69	<b>85%</b>
	≥ 4 SM	09	19%	02	27%	17	22%	11	15%
Religiosidade <sup>5</sup>	Baixa	28	<b>53%</b>	20	34%	18	23%	32	39%
	Alta	24	47%	37	<b>66%</b>	62	<b>76%</b>	46	<b>61%</b>

<sup>1</sup>diferenças estatísticas significativas entre todos os tipos de papéis sexuais e o sexo (p≤,05)

<sup>2</sup>diferenças estatísticas significativas entre papéis tipificados andrógino e indiferenciado e a faixa etária (p≤,05)

<sup>3</sup>sem diferença estatística entre nível de instrução e papéis tipificados

<sup>4</sup>diferenças estatísticas significativas entre papéis tipificados feminino e andrógino e a renda(p≤,05)

<sup>5</sup>diferenças estatísticas significativas entre papéis tipificados masculino e andrógino e a religiosidade (p≤,05)

<sup>6</sup>Salário Mínimo Nacional

O papel tipificado masculino foi contabilizado em 17% da amostra estudada. Dentre estes, 75% são do sexo masculino, 53% tem idade acima de 31 anos, possuem até o ensino médio (62%), tem renda até três salários mínimos, e se declaram com baixa religiosidade (53%). No entanto, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas para o sexo e religiosidade. Diferentemente, o papel tipificado feminino, presente em 19% da amostra, se faz presente entre aquelas pessoas do sexo feminino (76%), com idade inferior à 32 anos (61%), com nível de instrução superior (80%) e alta religiosidade (66%). De forma semelhante, entre aqueles com renda até três salários mínimos. Diferença estatisticamente

significativa foi encontrado para sexo e renda.

O papel tipificado andrógino, encontrado em 27% da amostra, se fez mais presente entre os indivíduos do sexo feminino (63%), com idade maior que 31 anos (58%), tendo estudado até o ensino médio (58%), renda até três salários mínimos (78%) e alta religiosidade (76%). Apenas o grau de instrução não apresentou diferença estatisticamente significativa. O papel tipificado indiferenciado, presente em 26% da amostra, apresentou maior ocorrência entre o sexo masculino (64%), na faixa etária até 31 anos de idade (62%), com escolaridade até o ensino médio (59%), renda inferior a quatro salários mínimos (85%) e alta religiosidade (61%). No

entanto, com diferença estatisticamente significativamente apenas para as variáveis sexo e faixa etária.

O termo identidade de gênero refere-se à possibilidade de existir masculinidade e feminilidade no desempenho de papéis sociais em um indivíduo, significando que ambas as dimensões são encontradas em todas as pessoas, mas em formas e intensidade diferentes (Lobato, 2001). Nesse sentido, masculinidade e feminilidade não são construtos unidimensionais e bipolares (Bem 1977), em que indivíduos podem desenvolver atributos masculinos e femininos, que serão expressos em um *continuum*, de acordo com as expectativas e situações sociais.

É importante ressaltar que Bem (1981) apresentou um esquema cognitivo de gênero que estaria diretamente ligado aos padrões socioculturais de comportamentos esperados para cada um dos sexos. Desta forma, quando o indivíduo percebe a sua própria conformidade a um padrão tradicional, a diferenciação do auto conceito baseada em distinções de sexo é fortalecida e resulta em uma identidade de papel sexual tradicional. Nesse sentido, escores muito tipificados sexualmente não refletem uma tendência geral do indivíduo

para responder em uma direção socialmente desejável, mas para a auto descrição em concordância com padrões de comportamento desejáveis para homens e mulheres. Observa-se que 112 (36%) participantes estão incluídos como “tipificados” masculino ou feminino, o que significa que atendem aos papéis determinados como masculino ou feminino.

O andrógino, segundo Bem (1977), enfrenta o cotidiano social, suas regras e normas com maior fluidez e segurança, demonstrando maior flexibilidade quanto aos papéis e questões morais. Do total de participantes, 27% ajustaram-se à categoria andrógino, indicando, possuir equilíbrio entre os atributos masculinos e femininos, o que pode facilitar o comportamento em uma variedade de situações sociais, incluindo-se aqui aqueles relacionados ao cuidado com a saúde. Observou-se, ainda, que 81 participantes apresentam tipificação indiferenciada, que significa que obtiveram baixos índices tanto na escala masculina como feminina, em oposição aos andróginos.

Estudos realizados por Bem (1977; 1975; Bem & Lenney, 1976; Bem, Martyna & Watson, 1976) já confirmavam que os grupos masculino e feminino procuram se engajar em atividades apropriadas ao seu

sexo e a evitar aquelas consideradas inapropriadas. Segundo os autores, essa rigidez comportamental dos indivíduos típicos (masculinos e femininos), impediria o pleno ajustamento desses indivíduos às diferentes situações sociais. Em relação ao sexo, homens masculinos e andróginos apresentam maior ajustamento mental do que homens femininos e indiferenciados. De acordo com Bem (1979) os dados demonstraram que os indiferenciados apresentam um grau menor de autoestima que os andróginos, desempenhando em nível suficiente comportamentos femininos e masculinos, porém em menor grau, mas garantida as devidas designações.

#### 4. Conclusão

Este estudo teve como objetivo verificar as evidências psicométricas do Bem Sex Role Inventory para uma amostra do Nordeste brasileiro. Os resultados apontam que a adaptação brasileira do *Bem Sex Role Inventory* por Hutz e Koller (1992) mostrou-se válida e fidedigna. Embora as escalas tenham sofrido algumas modificações com a exclusão de algumas variáveis e a relocação de outras, observou-se a manutenção dos estereótipos sociais de gênero, regidos por um padrão conservador

que aumenta a vulnerabilidade de homens e mulheres. Força, autoconfiança e invulnerabilidade são atributos que integram a construção cultural da masculinidade. Por outro lado, embora tenham sido atribuídos às mulheres adjetivos tidos como masculinos, ainda coexiste um padrão de subjetividade feminina baseado na fragilidade e cuidado com os outros, em detrimento de si.

Por fim, os resultados apontam para a necessidade de investigações especificamente delineadas para aprofundar o conhecimento sobre esse fenômeno e suas possíveis implicações para as diferenças individuais e nos relacionamentos sociais.

#### 5. Referências Bibliográficas

- Bem, Sandra (1974). The measurement of psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 42(2), 155-162.
- Bem, Sandra (1977). On the utility of alternative procedures for assessing psychological androgyny. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 45 (2), 196-205.

- Bem, Sandra (1979) The measurement of psychological Androgyny.
- Bem, Sandra. (1981). Gender schema theory: a cognitive account of sex typing. *Psychological Review*, 88 (4), 354-364.
- Hernandez, José Augusto Evangelho; Hutz Claudio Simom (2008) Gravidez do Primeiro Filho: Papéis Sexuais, Ajustamento Conjugal e Emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. 24(2) 133-141.
- Hernandez, José Augusto Evangelho (2009) Reavaliando o Bem Sex Role. *Estudos de Psicologia de Campinas* 26(1) 73-83.
- Hutz, Claudio Simon; Koller, Silvia (1992). A mensuração do gênero: uma readaptação do BSRI. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 5(2), 15-21.
- Ruas, Manuella; Rabot, Jean-Martin (2013) O estilo andrógino contemporâneo: um desvio do imaginário em busca de um novo arquétipo do gênero? *Comunicação e Cultura: II Jornada de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais* Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho.
- Sebastián, Julia; Aguiñiga, Concha; Moreno, Bernardo (1987). Androginiapsicológica y flexibilidad comportamental. *Estudios de Psicología*, 32, 15-30.
- Souza, Marcos Aguiar; Ferreira, Maria Cristina (1997) Identidade de gênero masculina em civis e militares. *Psicologia: Reflexão e crítica*. 10(2).
- Tabachnick, Barbara; Linda Fidell (2001) *Using Multivariate Statistics*. 4ed. Boston: Allyn & Bacon.
- Gondim, Sônia Maria Guedes; Sobrinho, José Bonifácio do Amparo; Santana, Vitor Santos; Santos, Vanda Martins dos; Saveia, João Manuel (2013) Gênero, auto conceito e trabalho na perspectiva de brasileiros e angolanos. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*. 16(2), pp. 153-165.
- Hernandez, José Augusto; Hutz, Claudio Simom (2008) Gravidez do Primeiro Filho: Papéis Sexuais, Ajustamento Conjugal e Emocional. *Psic.: Teoria e Pesquisa*, Brasília, 24(2) pp. 133-141.
- Bem, Sandra & Lenney, Ellen (1976) Sex typing and the avoidance of cross-sex behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 33, pp. 48-54.

Peng, TK (2006). Construct validation of the Bem Sex Role Inventory in Taiwan. *Sex Roles: A Journal of Research*, 55 (11-12), 843-851.

Tajfel, Henry (1983). *Grupos humanos e categorias sociais: estudos em psicologia social II*. Lisboa: Livros Horizonte.

Heilman, Madeline (2012) Gender Stereotypes and Workplace Bias. *Research in Organizational Behavior*, 32, pp.113–135.

Saavedra, Luisa (2005). *Aprender a ser rapariga, aprender a ser rapaz: Teorias e práticas da escola*. Coimbra: Edições Almedina.

Barros, Mônica Colognese; Natividade, Jean Carlos; Hutz, Cláudio Simon.(2013) Construção e validação de uma medida de papéis de gênero. *Aval. psicol., Itatiba*,12(3).

Lobato, Maria Ines (2001) Transexualismo: uma revisão. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 50(11) pp. 379-388.

Bem, Sandra; Martyna, Wendy; Watson, Carol (1967) Sex typing and androgyny: Further explorations of the expressive

**Data de Recebimento:** 14/10/2015

**Data de aceite:** 10/11/2015